

- 1. COMER JUNTOS,
O GESTO DA MEMÓRIA DE JESUS**
- 2. A CRUZ,
SINAL DE DEUS "TODO-AMOROSO"**
- 3. A ÁGUA
QUE BROTA DO GRANDE SILÊNCIO**
- 4. QUANDO O AMOR DE DEUS
É UM FOGO**

Símbolos da Páscoa

1. COMER JUNTOS, O GESTO DA MEMÓRIA DE JESUS

Refeição é ritual importante em várias religiões.

A última ceia de Jesus ficou, no cristianismo, como a celebração maior

Depois da celebração do Domingo de Ramos, em que se recorda a entrada de Jesus em Jerusalém, poucos dias antes de morrer crucificado, os cristãos (católicos, protestantes e anglicanos; pela diferença de calendários, os ortodoxos só celebram a Páscoa daqui a um mês) evocam hoje a Última Ceia que Cristo come com os seus mais próximos.

A importância da refeição no ritual religioso não nasce com Jesus e o cristianismo. A ceia que acabou por ser ritualizada pelos cristãos em memória de Cristo era, ela própria, a celebração da Páscoa judaica: à volta da mesa e de um cordeiro ou cabrito, os judeus recordavam o tempo em que tinham saído do Egípto, fugindo à escravatura dos faraós.

Na primeira Páscoa, aquela que preparou a fuga aos exércitos do faraó, as famílias vizinhas juntaram-se, com sandálias nos pés e cajado na mão. "Comê-la-eis à pressa. É a Páscoa em honra do Senhor", diz o texto bíblico do livro do Êxodo, que pede "um memorial (...) ao longo das gerações".

A Última Ceia de Jesus ficou, no cristianismo, e por pedido do próprio - "Fazei isto em memória de mim" - como a celebração maior. Mas o valor bíblico da refeição não se resume à Última Ceia e alguns dos ensinamentos decisivos de Jesus ligam-se ao acto de comer juntos: é durante uma refeição em casa de um fariseu que Jesus causa escândalo ao perdoar os pecados da mulher que aparece a chorar e a lavar-lhe os pés; Jesus faz multiplicar os pães quando coloca a multidão faminta a partilhar o que cada um tem; depois da ressurreição, é à mesa que dois discípulos o reconhecem e Jesus

aparece várias vezes junto dos amigos mais próximos para comer com eles; e, em casa de Lázaro e das suas irmãs Marta e Maria, Jesus parava várias vezes a repousar e a comer do pão que as mulheres lhe preparavam (como Vermeer representa no quadro aqui reproduzido).

O valor religioso do acto de comer junto com outros não se limita ao cristianismo e ao judaísmo. É com uma refeição festiva que os muçulmanos assinalam o final do Ramadão, o mês do jejum e da purificação. E os sikhs recordam o seu primeiro mestre espiritual: em 1649, Guru Nanak pegou em vinte rupias - uma fortuna que o pai lhe

dera para gastar - e, ao ver alguns homens santos que não tinham que comer, decidiu comprar alimento para partilhar com eles.

No acto de comer juntos, quebram-se barreiras, celebra-se a igualdade da mesa, transfiguram-se alimentos - o pão, o vinho - num ágape de amizade. Foi com esse gesto que Jesus iniciou a sua Páscoa. E se o tempo, muitas vezes, sacralizou e preencheu de rituais quase mágicos essa memória, o sinal maior continua a ser o do pão que se reparte.

ANTÓNIO MARUJO. Jornalista.

<http://jornal.publico.pt/noticias.asp?a=2005&m=03&d=24&id=12632&sid=1373>

2. A CRUZ, SINAL DE DEUS "TODO PODEROSO"

Na Sexta-Feira Santa, a liturgia católica recorda que, no auge da tortura e do sofrimento, Jesus perdoou aos que o executavam

No princípio, não era a cruz. O primeiro e grande

símbolo dos cristãos foi um peixe desenhado com apenas dois arcos cruzados. O sinal remetia para a actividade piscatória que envolvia boa parte dos discípulos de Jesus.

Ao mesmo tempo, a palavra grega para designar peixe - *ictus* - correspondia ao ana-

grama de Iesus (Jesus) *Christos* (Cristo) *Theou* (Deus) *Uios* (Filho) *Soter* (Salvador).

Com o tempo, a cruz foi tomando o lugar desse identificador inicial. Jesus morreu depois de torturado e pregado numa cruz, passando esta a simbolizar, para os cristãos, o dom total de Cristo pela salvação de todos os homens e mulheres. Se ela traduz, assim, um terrível sofrimento, adquire também, para os crentes, o significado simultâneo de despojamento e plenitude.

"Não posso responder nada àqueles que dizem: "Há demasiado mal no mundo para que eu possa acreditar em Deus"", escreve o filósofo Paul Ricoeur. "O único poder de Deus é o amor desarmado. Deus não quer o nosso sofrimento. De todo-poderoso, Deus torna-se "todo-amoroso". Deus não tem nenhum outro poder para além de amar e de nos dirigir, quando sofremos, uma palavra de auxílio. O que é difícil para nós é poder ouvi-la."

A cruz é símbolo desse despojamento quase absurdo, sinal do desarmamento divino. Mas que assume em si

quotidianos de sofrimentos, alegrias, lutas e júbilos, como tão bem representam os crucifixos das pinturas populares latino-americanas ou a Ressurreição de Chagall.

No decorrer da história, a cruz acabou por ganhar, para muitos cristãos, uma dimensão totalitária, esquecendo que ela testemunhava outro sinal maior - o da vitória sobre a morte como o último dos limites da humanidade. Acentuou-se o pietismo, o sofrimento pelo sofrimento, a "recompensa" do vale de lágrimas presente numa vida futura...

No seu sentido profundo, a cruz assume os fardos de cada um. Nela, cada um assume os fardos dos outros. Com esse horizonte, a liturgia católica criou, para a Sexta-Feira Santa, a celebração da Adoração da Cruz. Para recordar que, no auge da tortura e do sofrimento, o próprio Jesus perdoou aos que o executavam. No século VI, escrevia Isaac de Nínive: "Deus só pode dar o seu amor."

ANTÓNIO MARUJO. Jornalista.

<http://jornal.publico.pt/noticias.asp?a=2005&m=03&d=25&id=12799&sid=1391>

3. A ÁGUA QUE BROTA DO GRANDE SILÊNCIO

Esta noite, na Vigília Pascal, os crentes recordam a água que fecunda a terra, que dá "frescura e pureza aos nossos corpos"

Hoje, Sábado Santo, as liturgias cristãs - de modo especial a católica - assinalam o dia do grande silêncio. Os crentes contemplan o Cristo sepultado, mas experimentam, na aparência de uma derrota, a confiança na ressurreição. Como quem sabe que, mesmo no meio do deserto, há água que brota.

O profeta Elias (representado neste ícone, com o título O Profeta Elias no Deserto) foi um dos que, na história bíblica, entenderam essa realidade. A seca atormentava o povo de Israel. Elias é então convocado por Deus, que queria "mandar chuva sobre a terra", para manifestar que só ele era o verdadeiro Deus. E, depois de um despique com os sacerdotes de Baal, a chuva

aparece e o povo volta-se de novo para o seu Deus. Antes, já o mesmo Elias recriara alimento na casa de uma pobre viúva que sofria asperamente os efeitos da seca e não tinha pão nem farinha.

Em ambas as histórias, Elias é aquele que acredita contra toda a lógica. A água virá, a fome acabará, mesmo se o deserto é que nos envolve - tal é o sentido da acção do profeta, narrada no livro bíblico de Reis.

A água é, na Bíblia, esse sinal da fecundidade plena. No início, conta o livro dos Génesis, já o Espírito de Deus pairava sobre as águas. No dilúvio de Noé, a água é o sinal da destruição mas também da purificação. Para fugir da escravatura no Egípto, os hebreus atravessam a pé enxuto o mar Vermelho. Para os egípcios que tentarão perseguir os antigos escravos, a água será o seu cemitério, para os judeus torna-se sinal

de liberdade alcançada.

Esta noite, na Vigília Pascal - a mais importante celebração do calendário litúrgico católico - os crentes recordam a água que fecunda a terra, que dá "frescura e pureza aos nossos corpos". É dessa convicção que nasce o rito do baptismo. Na Vigília Pascal, celebra-se muitas vezes o baptismo de alguns e todos os crentes são aspergidos, recorrendo o dia em que cada um

foi introduzido, pela água, na comunidade dos crentes.

Como o viajante que passa por uma fonte: pára, refresca-se, descansa e retoma forças para o caminho. Como quem acredita que, entre os sinais da desesperança, é possível perscrutar o que os olhos não vêem.

ANTÓNIO MARUJO. Jornalista.

<http://jornal.publico.pt/noticias.asp?a=2005&m=03&d=26&id=12933&sid=1407>

4. QUANDO O AMOR DE DEUS É UM FOGO

A ressurreição, acontecimento fundador do cristianismo e vitória sobre a morte, dissipa "as trevas de todo o mundo"

A experiência do ressuscitado é, para os primeiros seguidores de Jesus, semelhante a um fogo misterioso e intenso. Dois deles, que iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, são disso testemunhas. Pelo caminho, o próprio Cristo ressuscitado

junta-se a eles, sem ser reconhecido, e explica-lhes os textos bíblicos que a ele mesmo se referiam.

Os dois discípulos só o reconhecem quando Jesus se senta à mesa com eles. Ao regressarem a Jerusalém, para dizer aos companheiros que tinham visto o ressuscitado, comentavam: "Não nos ardia o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as escrituras?"

Esse fogo já antes tinha si-

do experimentado por outros três discípulos - Pedro, Tiago e João - quando Jesus se transfigura perante eles, mudando-se o rosto e resplandecendo as vestes. Sem entenderem plenamente o que está a acontecer, os três intuem que o acontecimento prenuncia algo mais forte - que viria a ser a ressurreição.

Não se sabe o que terá sido a experiência da transfiguração (como a representada no ícone aqui reproduzido) nem, muito menos, a da ressurreição. Sabe-se, apenas, que elas mudaram a vida de um punhado de mulheres e homens. Dentro deles, descobriram de repente, por causa de um homem que se afirmava filho de Deus, potencialidades ignoradas.

"Quando a noite se torna espessa" - escreve o irmão Roger, da comunidade monástica de Taizé - o amor de Deus **"é um fogo que vem atear o que sob as cinzas permanecia toda-via incandescente"**.

A experiência do fogo dá lugar a um dos símbolos mais importantes da liturgia católi-

ca. Na noite que passou, a Vigília Pascal começou com a bênção do lume novo.

A oração do Precónio Pascal fala dessa noite diferente, que contém em si a força da luz na história bíblica: o inicial "Faça-se luz" rompe as trevas dominadoras; o pecado dissipa-se pela coluna de fogo que conduz os israelitas através do deserto, fugindo à escravatura egípcia; a ressurreição, acontecimento fundador do cristianismo e vitória sobre a morte, dissipa "as trevas de todo o mundo"; a terra rejubila, "inundada por tão grande claridade".

Esta foi a noite de prenúncio de uma aurora nova. "Esta noite santa afugenta os crimes, lava as culpas; restitui a inocência aos pecadores, dá alegria aos tristes; derruba os poderosos, dissipa os ódios, estabelece a concórdia e a paz."

Hoje, Domingo de Páscoa, é essa luz nova que os cristãos celebram.

ANTÓNIO MARUJO. Jornalista.

<http://jornal.publico.pt/noticias.asp?a=2005&m=03&d=27&id=13026&sid=1421>

a nossa Esperança

O RELATO DA RESSURREIÇÃO de Lázaro é surpreendente. Por um lado, nunca se nos apresenta Jesus tão humano, frágil e cativante como neste momento em que um dos seus melhores amigos está a morrer. Por outro lado, nunca somos tão diretamente convidados a acreditar no seu poder salvador: «Eu sou a ressurreição e a vida: aquele que acredita em mim, ainda que morra, viverá... Acreditas nisto?».

Jesus não oculta o seu carinho por estes três irmãos de Betânia que, certamente, o recebem em sua casa sempre que vem a Jerusalém. Um dia Lázaro adocece e as suas irmãs enviam um recado a Jesus: o nosso irmão «a quem tanto amas» está doente. Quando Jesus chega à aldeia, Lázaro foi enterrado há quatro dias. Já ninguém o poderá devolver a vida.

A família está destroçada. Quando Jesus aparece, Maria começa a chorar. Ninguém a pode consolar. Ao ver os soluços da sua amiga, Jesus não pode conter-se e também ele começa a chorar. Parte-se-lhe a alma ao sentir a impotência de todos perante a morte. Quem nos poderá consolar?

Há em nós um desejo insaciável de vida. Passamos os dias e os anos a lutar para viver. Agarramo-nos à ciência e, acima de tudo, à medicina para prolongar esta vida biológica, mas chega sempre uma última doença da qual ninguém nos pode curar.

Nem nos serviria viver esta vida

para sempre. Seria horrível um mundo envelhecido, cheio de velhos, com cada vez menos espaço para os jovens, um mundo em que não se renovaria a vida. O que ansiamos é uma vida diferente, sem dor ou velhice, sem fomes nem guerras, uma vida totalmente feliz para todos.

Hoje vivemos numa sociedade que foi descrita pelo sociólogo polaco Zygmunt Bauman como «uma sociedade de incerteza». Nunca o ser humano teve tanto poder para avançar para uma vida mais feliz. No entanto, talvez nunca se tenha sentido tão impotente perante um futuro incerto e ameaçador. O que podemos esperar?

Como os seres humanos de todos os tempos, também nós vivemos rodeados de trevas. O que é a vida? O que é a morte? Como devemos viver? Como devemos morrer? Antes de ressuscitar Lázaro, Jesus diz a Marta essas palavras, que são para todos os seus seguidores um desafio decisivo: «Eu sou a ressurreição e a vida: quem acredita em mim, ainda que tenha morrido, viverá... Acreditas nisto?».

Apesar das dúvidas e trevas, os cristãos acreditam em Jesus, Senhor da vida e da morte. Só nele procuramos luz e força para lutar pela vida e para enfrentarmos a morte. Só nele encontramos uma esperança de vida para além da vida.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA
(Quaresma 5 – A (Jo 11,1-45))